

# VILA TORRES

DADOS, VÍRUS E TERRITÓRIO

RELATÓRIO DE ESTUDO DE CASO



CIDADE  
**PÓS**  
PANDÊMICA

# VILA TORRES

## DADOS, VÍRUS E TERRITÓRIO

RELATÓRIO DE ESTUDO DE CASO

**CIDADE**  
**PÓS**  
**PANDÊMICA**

Assimetrias de cenários,  
permanências e discontinuidades

**2024**

# VILA TORRES

## DADOS, VÍRUS E TERRITÓRIO

RELATÓRIO DE ESTUDO DE CASO

Autores:

**RODRIGO FIRMINO**

**GILBERTO VIEIRA**

Pesquisa do Estudo de Caso:

Amanda Belniaki, André Turbay, Bruna Lazaroto, Daniela Wipieski, Gilberto Vieira, Iaskara Florenzano, Monyse Takaki, Rafael Carnascialli e Rodrigo Firmino.

**2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Firmino, Rodrigo

Vila Torres [livro eletrônico] : dados, vírus e território : relatório de estudo de caso : cidade pós pandêmica / Rodrigo Firmino, Gilberto Vieira. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Ed. do Autor, 2024.  
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-01226-1

1. Cidades - Aspectos sociais 2. COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais 3. Espaços urbanos  
4. Favelas - Brasil - Condições sociais  
5. Periferias urbanas 6. Planejamento urbano  
7. Problemas sociais - Brasil 8. Urbanismo  
I. Vieira, Gilberto. II. Título.

24-205062

CDD-362

**Índices para catálogo sistemático:**

1. COVID-19 : Pandemia : Desigualdades : Aspectos socioeconômicos : Problemas sociais 362

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# SUMÁRIO

<b>TECNOPOLÍTICAS DE UM TERRITÓRIO VIRAL</b> .....	<b>5</b>
<b>SOBRE O MÉTODO</b> .....	<b>8</b>
<b>TERRITÓRIOS E HISTÓRIAS DA VILA TORRES</b> .....	<b>15</b>
<b>DADOS E TERRITÓRIO</b> .....	<b>21</b>
<b>O REGIME DE VISIBILIDADE DA MÍDIA</b> .....	<b>22</b>
<b>REDES DE SOBREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA COMO MATERIALIDADES TERRITORIAIS</b> .....	<b>26</b>
▶ REDES DE SOLIDARIEDADE COMO RESPOSTAS AO APAGAMENTO E À INVISIBILIZAÇÃO.....	27
▶ AUTO-ORGANIZAÇÃO COMO RESPOSTA À EMERGÊNCIA PANDÊMICA E OUTRAS PRECARIZAÇÕES HISTÓRICAS .....	31
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SEGURANÇA.....	33
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS FÍSICAS NO TERRITÓRIO .....	35
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SANEAMENTO E CRISE HÍDRICA PARALELOS À PANDEMIA.....	36
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO .....	38
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE ECONOMIA LOCAL.....	41
▶ DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SAÚDE.....	44
<b>CONCLUSÃO: O TERRITÓRIO VIRAL DA VILA TORRES</b> .....	<b>47</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>

# TECNOPOLÍTICAS DE UM TERRITÓRIO VIRAL

Em linhas gerais, a pesquisa sobre a cidade pós-pandêmica apresenta um olhar direcionado às favelas e territórios vulnerabilizados da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), e se sustenta sobre três dimensões investigativas. A primeira é voltada ao estabelecimento de soluções e casos de referência em termos de inovações físico-territoriais, socioeconômicas, político-institucionais, jurídico-legais e técnico-tecnológicas, de modo a subsidiar soluções de ordenamento de cidades pós-pandêmicas. A segunda, relativa ao estudo de caso propriamente dito, é direcionada a ações diretas, inclusive junto a comunidades selecionadas na RMC. A terceira, embasada nas anteriores, consiste na sistematização de estratégias de gestão urbana, com vistas ao enfrentamento da problemática explicitada.

Este relatório de estudo de caso (parte 2)<sup>1</sup> diz respeito à segunda dimensão descrita acima, e tem como foco discutir aspectos relacionados à caracterização da Vila Torres, em Curitiba, como território

---

<sup>1</sup> O estudo de caso deste relatório é parte da pesquisa “Cidade Pós-Pandêmica: assimetrias de cenários, permanências e discontinuidades”, financiada pela PUCPR e coordenada pela Professora Leticia Hardt, do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU/PUCPR), que foca o território de favelas e comunidades vulnerabilizadas da Região Metropolitana de Curitiba durante o período pandêmico, com o olhar para o futuro que se desdobraria a partir dessa crise sanitária global.

usado (Santos, 1994) a partir de sua história e suas experiências no período da pandemia da COVID-19, entre os anos de 2020 e 2022. A pesquisa aqui relatada foi registrada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 63659622.0.0000.0020, tendo sido aprovada pelo parecer número 5.784.072 em 29 de novembro de 2022.

Por este recorte (temporal e espacial) específico, priorizou-se a construção da análise sobre este território a partir da leitura de alguns aspectos sociais, territoriais e espaciais provenientes de bases de dados oficiais, de notícias midiáticas e da percepção de alguns moradores e frequentadores da Vila Torres. Esses elementos produzem narrativas sobre a vida urbana afetada por medidas de segurança epidemiológica implementadas pelas autoridades sanitárias no período da pandemia. Assim, procurou-se discutir também, a própria materialidade do território com atenção à gestão dos dados sobre sua constituição geográfica e urbanística, bem como na vivência daqueles que experienciam o cotidiano de vida e morte nesta região da cidade de Curitiba no período mais imediatamente afetado pela crise sanitária.

Parte-se do entendimento que o território (e sua gestão, sua vivência) forma um arranjo tecnopolítico (caracterizado pelos componentes, atores, circunstâncias socioeconômicas, assimetrias de interesses e poder), que no caso específico do período entre 2020 e 2022 se reorganiza sob influência das circunstâncias impostas pela interação global e local com o outro arranjo tecnopolítico formado pelo vírus causador da COVID-19. Essa combinação resulta em algo que pode ser considerado como manifestações de um território viral (Firmino and

Evangelista, 2023). Essa compreensão implica considerar que o território viral produzirá processos de territorialização distintos em acordo com as condições que formam o território usado, as espacialidades locais, e, portanto, refletem condições de reprodução da vida urbana influenciadas por relações historicamente estabelecidas na cidade. Reproduzem, portanto, situações de desigualdade, precariedade, segregação e de privilégios encontradas em diferentes espaços urbanos. É preciso compreender a seletividade do território e as manifestações desiguais do território viral. Ou, segundo Firmino e Evangelista (2023: 458-459), no contexto da pandemia,

*O uso de tecnologias de monitoramento ou imposição de medidas restritivas no Leblon (Rio de Janeiro) ou nos Jardins (São Paulo) estabelece um território onde a concordância ou desobediência às regras que o constitui se dá em um contexto em que a maioria das pessoas vivem em situação de conforto e privilégio material, em apartamentos com vários cômodos, infraestrutura de comunicação e equipamentos em fartura, que tornam possível des-re-territorializações que potencializam a sobrevivência e diminuem riscos. Utilizar as mesmas restrições de circulação na Maré (Rio de Janeiro) ou em Paraisópolis (São Paulo) envolve condições de existência—redes de saneamento e mobilidade deficitárias ou inexistentes, situações precárias e instáveis de trabalho e habitação—que produzem des-re-territorializações limitadoras das possibilidades de sobrevivência, com maiores taxas de infectados e mortos.*

Traçando um paralelo com Curitiba, o território viral produz diferentes manifestações se nosso olhar muda do Batel ou do chamado Ecoville (duas das regiões com o preço do metro quadrado mais caros da cidade), para o Parolin ou a Vila Torres (duas das ocupações mais antigas das áreas mais próximas do centro de Curitiba). Tratar questões de violência, educação, saúde, saneamento, respeito a medidas de restrição de

movimento, e redes de atendimento e solidariedade no Ecoville e na Vila Torres, implica mobilizar dados e compreensões completamente distintas sobre as realidades desses territórios. É, assim, falsa a compreensão comum de que "o vírus é democrático" por atingir corpos independentemente de suas condições socioeconômicas. Diante da compreensão que estamos trazendo para esta pesquisa, registrada neste relatório, o arranjo sociotécnico formado pelo vírus, e reorganizado a partir dos componentes desse mesmo arranjo (os atores, os interesses, e outras condicionantes que o compõem), é político – o que nos permite assumir a ideia de tecnopolíticas do território viral.

Portanto, não estamos tratando de quaisquer corpos ou quaisquer territórios, pois corpos e territórios são inseparáveis, principalmente num contexto de emergências sanitárias, em que a ideia de corpo-território ou território-corpo ganha visibilidade (Cruz Hernández, 2016; Cruz Hernández e Bayón Jiménez, 2020; Haesbaert, 2020).

## **SOBRE O MÉTODO**

Para esta pesquisa, a ideia de produzir leituras sobre dados e percepções está fundamentada na interpretação de que é possível identificar manifestações do território viral em casos específicos, como os dos exemplos acima, incluindo a Vila Torres, que possui recortes geográficos e urbanos importantes no contexto da região central da cidade de Curitiba. Para isso, foram levantados dados relacionados, principalmente, aos seguintes temas: violência (doméstica, armada); redes de solidariedade locais; mudanças físicas no território para suprir

ausência/deficiência de infraestrutura na pandemia; economia local, sobrevivência dos negócios e situação dos catadores; saneamento; educação; e saúde. Os mesmos temas inspiram as perguntas que guiaram as entrevistas realizadas na Vila Torres. Isto é, cada uma dessas dimensões foi considerada nas perguntas e conversas realizadas em campo. Os temas também serviram de unidade de análise para identificação de falas e/ou percepções dos entrevistados sobre características específicas da pandemia, da relação entre a população e o estado de crise sanitária, condições territoriais e urbanísticas, e sobre as redes de suporte para sobreviver e resistir ao longo deste período.

Para tanto, foram organizadas duas equipes de pesquisadores que se responsabilizaram por realizar a coleta dos dados estatísticos ditos oficiais e as notícias da imprensa local sobre as temáticas listadas acima, e realizar entrevistas com moradores e frequentadores da Vila Torres. Os dois tipos de trabalho de campo foram costurados por uma coordenação central, cuja principal tarefa foi articular evidências levantadas por uma equipe com as propostas de investigação da outra, e vice-versa.

Para a coleta dos dados estatísticos e notícias da imprensa, recorreu-se aos principais órgãos de gestão urbana da RMC, instituições ligadas a outras instâncias estatais (governos do estado e federal), bem como aos jornais de maior circulação do Paraná. Foram produzidas planilhas e textos explicativos sobre cada conjunto de dados e notícias levantadas (Figura 1 e Tabela 1).



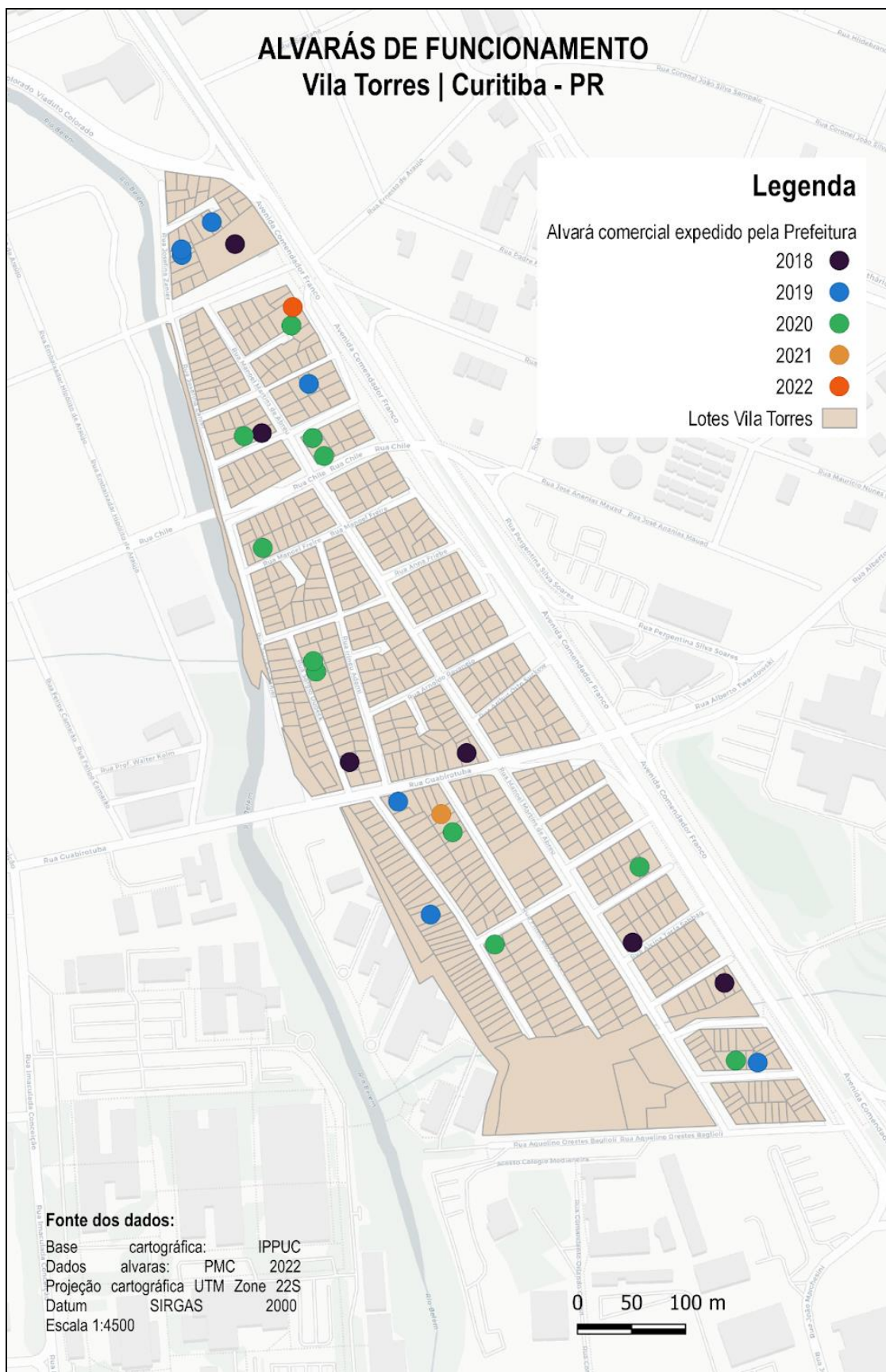


Figura 1: Exemplo de material produzido pela equipe de dados, sobre a economia local

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Quadro 1: Buscas realizadas por tema, recorte temporal, fonte de informação e dados coletados

<b>ASPECTOS A SEREM CONFRONTADOS</b>	<b>RECORTE TEMPORAL</b>	<b>VARIÁVEIS DE BUSCA</b>	<b>FONTE</b>	<b>DADO</b>
TEMAS	QUANDO?	O QUÊ?	QUEM?	O QUÊ?
Violência doméstica	2020-2022	Crime	<ul style="list-style-type: none"> <li>Secretaria de Segurança pública;</li> <li>Guarda Municipal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Feminicídio;</li> <li>Homicídios;</li> <li>Outros.</li> </ul>
Violência armada	2020-2022	Crime	<ul style="list-style-type: none"> <li>Secretaria de Segurança pública.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Homicídios;</li> <li>Outros (repressão).</li> </ul>
Redes de solidariedade	2020-2022	Ações na pandemia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Associação de Moradores da Vila Torres Contato Tanaka (Presidente) e Maurina (Vice-Presidente) Responsável: André</li> <li>Comunidade Vila Nossa Senhora Aparecida (Igreja) Contato Irmã Cláudia Responsável: André</li> <li>Passos Da Criança (ONG) Contato Rudi Responsável: André</li> <li>CUFA (ONG)</li> <li>Organização de Desenvolvimento de Potencial Humano - ODPH (ONG) Contato Kauanna Responsável: André</li> <li>CRAS Vila Torres</li> <li>Escola Noely D'ávila Contato Tatiana Responsável: André</li> <li>Escola Eunice Benato Contato Nélio Responsável: André</li> <li>Escola Manoel Ribas Contato Professor Reginaldo Costa (PUCPR) Responsável: André</li> <li>SOS Vila Torres Contato Padre Parron Responsável: André</li> <li>Decretos PMC</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Feminicídio;</li> <li>Homicídios;</li> <li>Outros</li> </ul>
Mudanças físicas no território	2020-2022	Dados, mapas, imagens oblíquas, outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>PMC;</li> <li>Decretos PMC;</li> <li>IPPUC;</li> <li>Google Earth;</li> <li>TETO (ONG);</li> <li>IBGE;</li> <li>Outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quantidade de domicílios;</li> <li>Novas construções;</li> <li>Demolições;</li> <li>Novas ocupações irregulares;</li> <li>Despejos;</li> <li>Densidade;</li> <li>Demografia</li> <li>Outras</li> </ul>

(Continua)

Quadro 1: Buscas realizadas por tema, recorte temporal, fonte de informação e dados coletados

<b>ASPECTOS A SEREM CONFRONTADOS</b>	<b>RECORTE TEMPORAL</b>	<b>VARIÁVEIS DE BUSCA</b>	<b>FONTE</b>	<b>DADO</b>
TEMAS	QUANDO?	O QUÊ?	QUEM?	O QUÊ?
Economia local	2020-2022	Estabelecimentos ativos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação de Moradores da Vila Torres Contato Tanaka (Presidente) e Maurina (Vice-Presidente) Responsável: André</li> <li>• Organização de Desenvolvimento de Potencial Humano - ODPH (ONG) Contato Kauanna Responsável: André</li> <li>• PMC</li> <li>• Junta Comercial</li> <li>• PA-PUM (APP)</li> <li>• Decretos PMC</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tipos de atividades econômicas;</li> <li>• Estabelecimentos formais e informais ativos.</li> </ul>
Saneamento	2020-2022	Indicadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• SANEPAR;</li> <li>• Decretos;</li> <li>• Secretaria Municipal de Saúde;</li> <li>• Decretos PMC;</li> <li>• UBS Capanema Contato Luzia Responsável: André</li> <li>• Associação de Moradores da Vila Torres Contato Tanaka (Presidente) e Maurina (Vice-Presidente) Responsável: André</li> <li>• Comunidade Vila Nossa Senhora Aparecida (Igreja) Contato Irmã Cláudia Responsável: André</li> <li>• Comitê Sanitário Vila Torres</li> <li>• DATASUS</li> <li>• Outros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morbidade por COVID-19;</li> <li>• Morbidade por outras doenças ou agravos de notificação;</li> <li>• Natalidade;</li> <li>• Óbito infantil;</li> <li>• Óbito idoso;</li> <li>• Taxa de vacinação infantil</li> <li>• Drogas;</li> <li>• Insalubridade.</li> </ul>
Educação	2020-2022	Indicadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escola Noely D'ávila Contato Tatiana Responsável: André</li> <li>• Escola Eunice Benato Contato Nélio Responsável: André</li> <li>• Escola Manoel Ribas Contato Professor Reginaldo Costa (PUCPR) Responsável: André</li> <li>• Decretos PMC</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evasão escolar;</li> <li>• Alunos que ficaram sem aula por falta de internet;</li> <li>• Outros.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

As entrevistas foram organizadas a partir da relação desta pesquisa com o Laboratório do Clima (também sediado na Escola de Belas Artes da PUCPR), que facilitou acesso à comunidade da Vila Torres em contato com os projetos SOS Rio Belém e SOS Vila Torres, duas iniciativas que surgiram no âmbito das crises ambiental, sanitária e econômica. O resultado desse levantamento de percepções materializou-se em entrevistas transcritas e relatórios de reuniões, a partir dos quais foi possível identificar e codificar expressões e citações referentes aos temas ligados aos dados e notícias reunidas pela outra equipe. Essas expressões e citações formam, assim, o que chamamos de percepções comunitárias da Vila Torres. Essas percepções dizem respeito ao impacto da pandemia no território e como a realidade pode ser compreendida a partir de vivências que não cabem nas planilhas de dados acessadas a partir dos órgãos oficiais. Tal abordagem assume a leitura de uma realidade em que os dados não alcançam o território e o território muitas vezes também não alcança os dados. Em um exemplo de depoimento, o morador relata como foi o contato com a seriedade da pandemia e o processo de construção de redes de solidariedade:

*A comunidade reagiu ao que estava vindo, primeiro, até a gente ter todo esse conhecimento da seriedade da pandemia e a comunidade é um espaço que as pessoas ou estão dentro de suas casas, que são pequenas ou estão na rua. Tirou muito essa liberdade da rua. Foi difícil pra gente colocar o pessoal pra dentro de casa. A gente fez bastante ações de entrega de máscaras e a comunidade foi muito bem atendida nisso aí. Acredito que por ser uma comunidade que tá quase que no centro de Curitiba, muita gente colabora (Entrevistado 01, 2022).*

Estes são, portanto, os meandros sobre os quais se desenrolam a pesquisa, como um todo, e este mesmo relatório, que se divide em três dimensões narrativas: corpos, territórios e histórias da Vila Torres; o território viral da Vila Torres; e as redes de solidariedade e suporte ao território.

# TERRITÓRIOS E HISTÓRIAS DA VILA TORRES

A Vila Torres (ou Vila das Torres, como também é conhecida), localiza-se em uma das áreas mais bem conectadas da cidade de Curitiba. Está situada a menos de 2 km do centro e faz limite com algumas das principais vias estruturantes da cidade, dentre as quais a Avenida Comendador Franco, a Rua Conselheiro Laurindo, a Rua Chile e a Rua Guabirota. Em seus limites territoriais estão localizadas importantes instituições, como a PUCPR, os colégios Medianeira e Nsa. Sra. da Esperança, além da Federação das Indústrias do Paraná (PR) – estes equipamentos estão fora do limite territorial da Vila Torres.

O território leva este nome justamente pela proximidade à via expressa Avenida Comendador Franco, conhecida como Avenida das Torres, que possuía em seu canteiro central grandes torres de alta tensão da Companhia Paranaense de energia (Copel) ligando a cidade vizinha de São José dos Pinhais ao centro de Curitiba (substituídas em 2018 por cabos subterrâneos). Além disso, a antiga ocupação se desenvolveu nas margens do Rio Belém, que tem toda sua bacia localizada no Município de Curitiba, sendo um dos mais importantes afluentes do Rio Iguaçu.





Figura 2: Vila Torres e pontos de interesse.

Fonte: Acervo Norte Arquitetura e Urbanismo, 2023.

Essas características físico-territoriais atribuem à Vila Torres uma forte presença no cotidiano da cidade e alta visibilidade no imaginário de Curitiba e seus cidadãos. A maior parte das rotas para o sul de Curitiba, conectando a cidade com o Aeroporto Internacional de Curitiba, com o

litoral, o Porto de Paranaguá, e com a região sul do Brasil, passam necessariamente às margens da Vila Torres.

Sua inserção territorial é altamente estratégica em termos de conexão com várias partes da cidade a partir do centro e do setor sul-sudeste da cidade. Isso atraiu, historicamente, muito interesse, tanto nos processos de formação da área, como nas tentativas de evitar sua consolidação, por parte do Estado (pelas políticas de desfavelamento, na década de 1970). As primeiras ocupações datam da década de 1960, impulsionadas pelos processos de migração campo-cidade, decorrentes da industrialização das capitais e grandes cidades brasileiras. As primeiras famílias formaram o território que ficou conhecido como Favela Capanema (nome dos antigos proprietários da gleba), que posteriormente recebeu o nome de uma das famílias pioneiras, Vila Pinto. A regularização de vias e lotes da área que passou a se chamar Vila Torres se deu na década de 1990, com finalização apenas na primeira década dos anos 2000.

Apesar de sua localização privilegiada e de apresentar um histórico de melhora nas condições de moradia e infraestrutura urbana ao longo das últimas quatro décadas, a Vila Torres ainda representa um dos territórios de pobreza na cidade, em consideração a todos os indicadores socioeconômicos. A área tem um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), estando 25% abaixo da média municipal e 20% abaixo da média metropolitana (Souza, 2016). A renda média da área é ainda menor, comparativamente, representando cerca de 35% da renda média municipal e 37% da renda média metropolitana (Souza, 2016). Trata-se de um caso típico de território periférico, mesmo estando a poucos quilômetros do centro geográfico

da cidade, desafiando o conceito positivista físico-territorial clássico de centro-periferia como camadas que se distanciam radialmente.

A localização territorial também é determinante na caracterização de uma das principais atividades socioeconômicas da região, o comércio informal (e formal) de material reciclável. A Vila Torres possui uma das maiores concentrações de catadores e centros de reciclagem de Curitiba. Estima-se que cerca de 30% dos 9 mil moradores possuam renda vinculada à separação do lixo. As atividades de reciclagem ocorrem de duas formas. Por um lado, há famílias que reciclam quantidades menores de material, mas espalhadas em cerca de 200 pontos de compra e venda (segundo dados da ONG Passos da Criança). E por outro lado, existem 45 depósitos de pequenos empreendedores, capazes de armazenar, separar e comercializar maiores quantidades de recicláveis, e que compram diretamente dos catadores individuais.

E, ao contrário do que se possa imaginar, essas atividades resistiram bem ao longo do período da pandemia. Segundo a Associação de Catadores de Material Reciclável Novo Amanhecer, houve aumento de renda dos trabalhadores da reciclagem no período de maio a agosto de 2020. Apesar do fechamento de estabelecimentos, o descarte de material reciclável aumentou pelo aumento de consumo de entregas a domicílio, sendo que a atividade de coleta dos catadores não teve períodos de paralisação.



*Em conversas com o coordenador administrativo da Associação e com alguns catadores percebe-se que muitos deles de fato reduziram o tempo da coleta nas ruas; outros, entretanto, permaneceram na catação diária sem alterar de forma significativa a sua jornada de trabalho. A quantidade de material coletado em seu conjunto permaneceu a mesma porque aqueles que não alteraram a dinâmica de trabalho diário em função da pandemia acabaram coletando mais material do que o normal, equilibrando assim a redução da coleta daqueles que reduziram o tempo de saída às ruas (Sanson, 2021: on-line).*

Ainda que economicamente a situação não tenha se agravado para o mercado de recicláveis, a pandemia teve impactos profundos no território, principalmente quando comparados a outras áreas mais ricas da região metropolitana. Segundo dados do grupo Paraná contra a COVID-19, em Campina Grande do Sul, o número de óbitos foi 3,4 vezes maior que em Curitiba (Borges, 2020; Moura et al., 2020). As situações de vulnerabilidade socioeconômica de territórios como a Vila Torres tornam a gestão da vida um processo muito mais difícil, arriscado e estressante para a população de residentes. Ainda assim, e com todas as dificuldades de atuar em situações de restrição de movimento e contato, redes de solidariedade se organizaram<sup>2</sup> para dar suporte sanitário, financeiro e psicossocial.

---

<sup>2</sup> É importante destacar que este tipo de organização em redes de solidariedade não foi exclusivo da Vila Torres ou de Curitiba, mas de outros vários territórios periféricos de grandes cidades brasileiras no período da pandemia. Em "Revolução periférica dos dados em tempos de pandemia global", Firmino, Pio e Vieira (2020) destacam o que chamaram de "táticas de resistência nas margens" a partir da formação de várias redes de solidariedade para lidar com os dados sobre a pandemia, mas também para levar assistência aos territórios pouco atendidos pelo Estado.

Várias mobilizações ocorreram no sentido de criar e fortalecer redes de solidariedade e apoio, principalmente com a participação de organizações que já atuavam no território, e que convergiram suas ações em torno do projeto batizado de "SOS Vila Torres". Dentre os principais atores nessa rede, estão: a Associação de Moradores da Vila Torres; o Clube de Mães União Vila das Torres; a igreja católica (personalizada na figura do pároco local, o Padre Parron); a Unidade Básica de Saúde Capanema; o Comitê Sanitário de Defesa Popular da Vila das Torres; e instituições educacionais da vizinhança mantidas por entidades religiosas (Maristas e Jesuítas).

# DADOS E TERRITÓRIO

As relações entre os dados e a composição do território formam um dos argumentos centrais neste relatório para a definição do que estamos chamando (baseados em Firmino e Evangelista, 2023) de território viral. O dado e a falta de dado são informações importantes na determinação de como um território é composto, de como vivem as pessoas que compõem esse território, de como as pessoas (moradores e não moradores) o percebem, e de como a gestão da cidade e a mídia o definem e interagem com este território a partir de ações e omissões.

Assim, as descrições e análises que seguem, são determinadas por essas presenças e ausências da Vila Torres nos dados, e conseqüentemente, pela qualidade de informações a que tivemos acesso e as dificuldades de acessar fontes de dados formais e informais. É preciso esclarecer, por exemplo, que houve limitações em acessar moradores e trabalhadores da Vila Torres, por questões de relacionamento entre setores da PUCPR e representações de associações do território. Por um longo período, estivemos limitados pelos contatos gentilmente providos pelos projetos SOS Vila Torres e SOS Rio Belém, mas essa relação também nos impediu de construir novas fontes de dados e informações.

Como veremos a seguir, na mídia tradicional e nos órgãos governamentais, produz-se uma imagem de completa vulnerabilidade sobre os territórios periféricos, ainda que se dê destaque para a



capacidade de auto-organização das comunidades e instituições localizadas nessas regiões. É justamente nesse aspecto que a constituição do território viral ganha protagonismo, em Curitiba ou em outras cidades e estados do Brasil. As redes de solidariedade compõem um fator central na formação dos territórios, e na reação da Vila Torres à pandemia e às formas de gestão deste período. Os demais itens determinados como focos analíticos desta pesquisa, tais como segurança, saneamento básico, educação, saúde etc., serão descritos e analisados face às informações coletadas e a respectiva qualidade dos dados e da ausência de dados.

## **O REGIME DE VISIBILIDADE DA MÍDIA**

Entre março de 2020 e dezembro de 2022 a pesquisa mapeou 107 notícias que mencionam a Vila Torres em veículos de comunicação, nacionais ou locais, privados ou públicos (Figura 4). O que nos chama a atenção é que mais de cinquenta por cento (50%) das notícias do período referem-se a redes de solidariedade que foram empreendidas para o enfrentamento da pandemia (Figura 5).

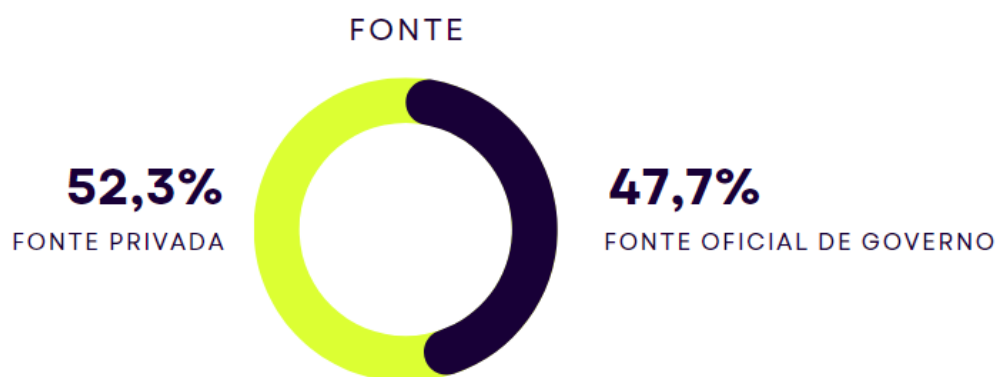


Figura 4: Fontes de notícias

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

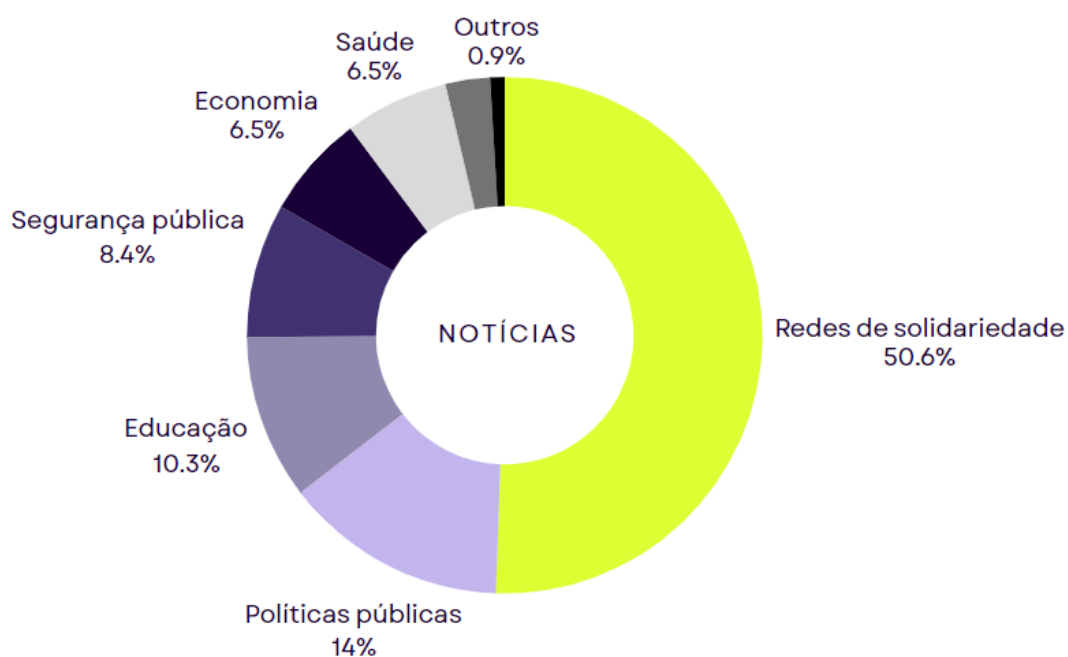


Figura 5: Temas recorrentes nas notícias

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

É sabido que as favelas e periferias brasileiras são espaços marcados por precariedade, vulnerabilidade social e sujeição a riscos diversos, mas "esses espaços de moradia popular são também de intensa interatividade coletiva, trocas afetuosas, solidariedade, reciprocidade, laços de vizinhança, amizade e parentesco, espaços de sonho e luta" (Vasco et al., 2022). Esse aspecto solidário esteve presente nos noticiários de forma mais frequente durante a pandemia, ainda que de forma estigmatizante, evidenciando a vulnerabilidade da comunidade em detrimento da falta de políticas públicas adequadas que pudessem minimizar o problema.

Uma notícia recorrente nos veículos de comunicação locais foi a parceria entre as Associações de Moradores da Vila Torres e a PUCPR que instalou um posto de recebimento de alimentos e itens de higiene sem que o doador, necessariamente motorizado, precisasse sair do carro,

respeitando recomendações internacionais de segurança sanitária, chamado pela imprensa de *Drive Thru de Doação* (Figura 6). O caráter inovador da iniciativa permitiu que o problema vivido pelos moradores fosse visibilizado de forma mais abrangente e mobilizou moradores de toda a cidade. Depois de um ano, a iniciativa passou a fazer doações para outras favelas da cidade.



Figura 6: Drive Thru de Doação

Também é possível identificar no levantamento de notícias, que o portal da Prefeitura de Curitiba produziu matérias frequentes evidenciando o trabalho da Fundação de Ação Social (FAS), responsável pela maioria das iniciativas de apoio a comunidades e populações vulnerabilizadas. Foram mais de 40 notícias, dentre as quais 9 apontam parcerias público-privadas para recebimento de alimentos e itens de higiene (Figura 7).

Percebe-se um esforço do Estado em noticiar ações de solidariedade, principalmente aquelas que envolvem corporações e ações diretas do governo. No entanto, apesar de em número muito inferior de publicações, veículos de comunicação independentes noticiaram a ausência do Estado nos territórios mais populares (Figura 8). Vai ficando claro que existe uma disputa narrativa, comum no campo da comunicação, que pode ser capaz de ocultar problemas estruturais que vulnerabilizam territórios e vidas em detrimento de uma imagem de Estado forte que estabelece parcerias solidárias na resolução de questões materiais e urgentes das periferias, mas que deixa de lado a rotina de ações locais, agenciadas por moradores e moradoras que historicamente mobilizam recursos (materiais e imateriais) para resolução de problemas estruturais.



Figura 7: Portal da Prefeitura de Curitiba

Notícias da Covid-19

## NA AUSÊNCIA DO ESTADO, CAMPANHAS BUSCAM SUPRIR NECESSIDADES BÁSICAS DE COMUNIDADES PERIFÉRICAS DE CURITIBA

04/04/2020

Lizely Borges



*Com diminuição da renda do trabalho informal e fechamento dos serviços básicos, famílias vivem alta vulnerabilidade diante da pandemia da covid-19*



Figura 8: Veículo independente

### **REDES DE SOBREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA COMO MATERIALIDADES TERRITORIAIS**

Apesar do estigma de carência e abandono construído pela mídia tradicional e pelo Estado, com base em dados pretensiosamente oficiais sobre as favelas e periferias, as ações organizadas nos territórios materializam articulações de resistência. Entre coletividades, associações e organizações, a população que vive e frequenta esses bairros é a responsável por sua própria sobrevivência e também por tornar visível sua existência como sujeitos de direito à cidade. Essas duas categorias (visibilidade e sobrevivência) são fundamentais para o entendimento do momento histórico vivido pelas grandes cidades diante

da crise sanitária causada pela COVID-19 e apontam para a necessidade de um olhar mais atento para os arranjos sociotécnicos e políticos articulados nas periferias e favelas.

## REDES DE SOLIDARIEDADE COMO RESPOSTAS AO APAGAMENTO E À INVISIBILIZAÇÃO

Segundo relatório do Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas Sociais e Desenvolvimento Urbano (PDUR), o conjunto de ações protagonizadas pelo Estado do Paraná pode ser entendido como “gerenciamento da pandemia”, onde um conjunto de medidas de cunho legal e administrativo priorizou manter a economia aberta e fornecer lugar para o tratamento dos contaminados, em detrimento de medidas que evitassem a circulação do vírus e a infecção de um maior número de pessoas. Esse modelo de gestão evidenciou desigualdades, privilegiou reivindicações do setor empresarial (como descontos e anistia a políticos e empresários que desrespeitaram as restrições no período) e ignorou as demandas dos trabalhadores, fazendo com que as camadas mais empobrecidas estivessem em constante aumento de vulnerabilidade sanitária, econômica, social e cultural (Teixeira & Bega, 2023). As ações divulgadas pela prefeitura em seus canais de mídia, como vimos, deixa essa relação de gerenciamento da crise em evidência, invisibilizando ações locais e estruturantes protagonizadas por representantes, coletivos, associações e iniciativas comunitárias, o que chamamos de redes de solidariedade.



Não se pode dizer que o Estado não tenha presença na Vila Torres. A presença existe, ainda que precarizada. Inclusive, esse é um fator decisivo para a mobilização de agentes públicos que ocupam os equipamentos do Estado. Em entrevista com um dos médicos responsáveis pela Unidade Básica de Saúde (UBS) da Vila Torres, ele diz que o equipamento se tornou um centro comunitário de convivência e busca de informação e não apenas de tratamento médico:

*[...] aqui passou a ser o centro da Vila, né. Todo mundo se reportava aqui pra buscar ajuda, pra ter informação [...]*  
(Entrevistado 1, 2022)

Diante da demanda por informação, veio da equipe da UBS a iniciativa de produzir um vídeo para as redes sociais, convocando moradores a incentivarem medidas de prevenção contra a COVID-19. O trabalho ainda contou com captação e edição de jovens parceiros da comunidade. O vídeo fez sucesso nas redes sociais para além de Curitiba e a equipe da unidade de saúde reitera que seu papel comunitário está para além de suas atribuições. Diferentemente de outros territórios, agentes de saúde em favelas e periferias também são agentes de comunicação e informação e devem agir em parceria com outros diferentes profissionais do território (mais ou menos instituídos) na esperança de obter atenção pública e estatal na busca por transformações estruturais.

*[...] Todos apareciam (no vídeo) e falavam “use máscara”. Aí as pessoas passaram a se ver e isso passou a ser um grande chamariz. “Você viu a vizinha?” “Ah, você viu que bonitinha que ela tá naquele (vídeo) do “use máscara”? (...) Acabou que o vídeo rodou muito aqui na Vila e as pessoas repassavam. Aí, depois a gente mostrou isso no Brasil todo (Entrevistado 1, 2022).*

A Vila Torres também é atendida por instituições públicas de educação, que como já dissemos, não constam como oficialmente pertencentes à Vila Torres, mas aos bairros dos quais o território faz parte. São duas escolas municipais, duas escolas estaduais e quatro centros municipais de educação infantil (Escola Municipal Irmãos Rebouças; Escola Municipal Noely Simone de Ávila; Escola Estadual Manoel Ribas; Escola Estadual Hildebrando de Araújo; CMEI Laura Gonçalves dos Santos; CMEI Vereadora Nely Almeida; CMEI Enedina Alves Marques CMEI Vila Torres) – equipamentos importantes para a formação e para a vida cotidiana das famílias do território e que durante a pandemia serviram de centros de referência para supressão de necessidades básicas como a alimentação diária. Uma das fontes entrevistadas nesta pesquisa é parte do quadro de funcionários de uma das creches do território e relata a importância do equipamento como centro de distribuição de alimentos diante da grave situação de insegurança alimentar que se instalou no bairro durante o período.

*[...] A gente escutou muitos relatos nesse processo, que era semanal, das famílias falarem que elas já não tinham nada pra servir naquela semana, que elas tavam comendo aquilo que a gente tava dando (Entrevistado 5, 2022).*

Durante o período mais crítico da pandemia, o entrevistado relata que a prefeitura providenciou uma cesta básica mensal. Além disso, a creche estabeleceu uma parceria efetiva com o Mesa Brasil, pertencente à Rede Nacional de Bancos de Alimentos do Sesc. Este programa, em colaboração com diversos fornecedores, recolhe excedentes de produção e alimentos que não atendem aos padrões de comercialização,

mas encontram-se em condições seguras e adequadas para o consumo. Posteriormente, esses itens são distribuídos para organizações parceiras, responsáveis por sua distribuição. Tais organizações, predominantemente presentes nos territórios, realizam ações coletivas para identificar problemas locais e construir redes de apoio.

Na região metropolitana de Curitiba, o Mapa da Solidariedade (Figura 9), iniciativa de pesquisadores da UTFPR, do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo e Observatório das Metrôpoles - Curitiba, organizou dados e informações georeferenciadas sobre vulnerabilidades e ações de resistência à crise do COVID-19 nas periferias (Borges, 2020). O mapa foi importante para dar visibilidade a um grande número de iniciativas de pequeno porte e desconhecidas de boa parte da população.

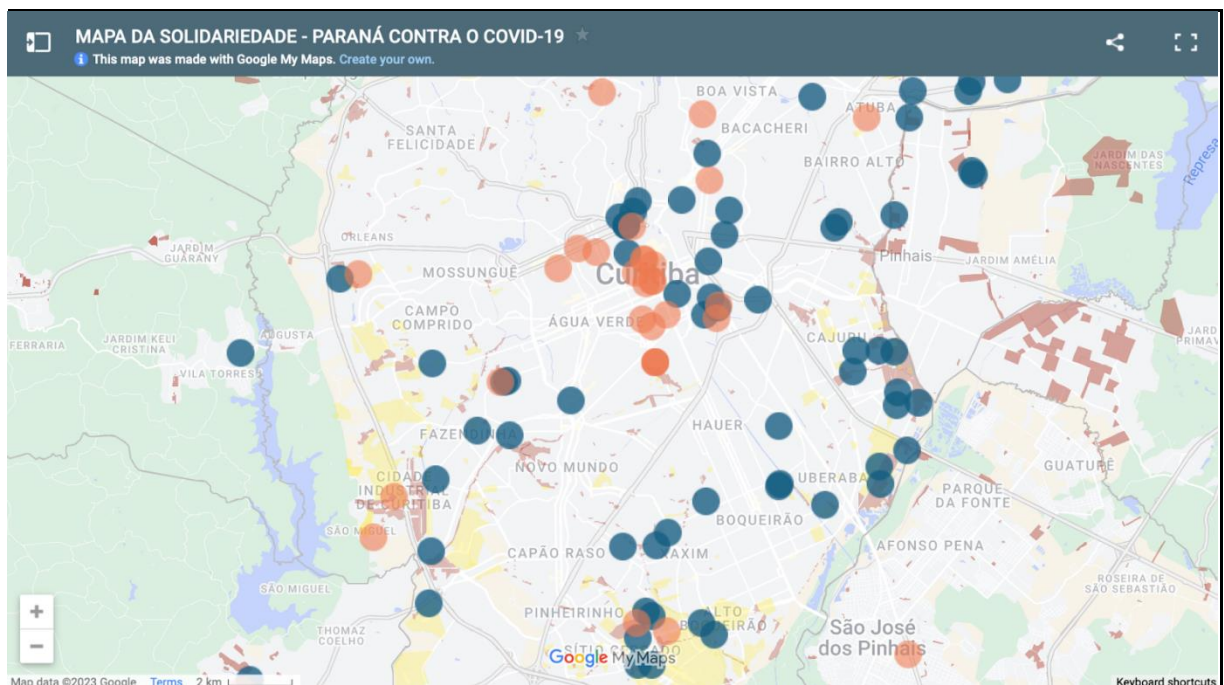


Figura 9: Paraná contra a COVID-19

Fonte: <https://sites.google.com/view/prcontracovid/mapa-da-solidariedade>



## AUTO-ORGANIZAÇÃO COMO RESPOSTA À EMERGÊNCIA PANDÊMICA E OUTRAS PRECARIZAÇÕES HISTÓRICAS

Um aspecto destacado na pesquisa é o papel fundamental da sociedade civil organizada nos territórios populares diante dos desafios cotidianos de superar desigualdades. Grupos de organizações sociais em Curitiba e região metropolitana se mobilizaram em torno da iniciativa Resistindo com Solidariedade, que visava arrecadar alimentos não-perecíveis, produtos de limpeza e higiene para atender às necessidades imediatas das comunidades. Esses itens, como arroz e feijão, eram adquiridos de cooperativas de agricultores familiares ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), enquanto outra parte era doada pelo próprio movimento. A campanha também se concentrou na produção e disseminação de informações seguras para as comunidades, especialmente considerando que grande parte dos usuários de internet em áreas de favela acessa a rede exclusivamente pelo celular.

Mais especificamente na Vila Torres, organizações não governamentais com as quais a equipe de pesquisa esteve em contato e das quais os relatórios de atividades foram analisados, representam significativo apoio comunitário no acesso a direitos constitucionais básicos como arte, cultura, esporte e lazer e qualificação profissional. A Associação Iniciativa Cultural Passos da Criança e a Organização de Desenvolvimento do Potencial Humano, ouvidas pela pesquisa, atenderam mais de 200 pessoas, entre crianças, adolescentes e famílias da Vila Torres nos anos de 2019, 2020 e 2021. Um aspecto, no entanto, nos chama a atenção: diante da crise sanitária instalada pela COVID-19, as organizações deixaram de executar suas atividades prioritárias e estatutárias para se

dedicar a ações de redução dos riscos da pandemia, como entregas de cestas básicas, materiais de higiene e proteção contra COVID-19, bem como atendimento psicossocial.

Outra dimensão relevante das articulações para a auto-organização das populações periféricas diz respeito ao recorte de gênero e de raça na divisão do trabalho e na manutenção das estruturas domésticas. A pesquisa "Sem parar: o trabalho e vida das mulheres na pandemia" (Gênero e Número/SempreViva Organização Feminista, 2020), revelou que 40% das mulheres entrevistadas perceberam a pandemia e o isolamento social como ameaças à estabilidade financeira do lar. Notavelmente, 55% das mulheres negras expressaram essa preocupação, destacando-se pela dificuldade em arcar com despesas essenciais, como contas básicas e aluguel. Com a perda de empregos e a renda instável, o auxílio emergencial desempenhou um papel crucial na sustentação das famílias brasileiras, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade. Contudo, diante das incertezas sobre a continuidade do auxílio, surge um cenário crescente de insegurança alimentar, afetando sobretudo mulheres pobres, negras e indígenas. A pesquisa destacou que 32% das famílias com algum grau de insegurança alimentar são lideradas por mulheres negras ou indígenas, acentuando as disparidades enfrentadas por esses grupos durante a pandemia, conforme relatado pela organização Gênero e Número.

Segundo a organização SOS Vila Torres, mais de 80% das famílias do território perderam renda no período da pandemia, entre 2020 e 2021. Ainda assim, muitas mulheres do território, profissionais de serviços de linha de frente como o trabalho em hospitais e supermercados, e ainda

aquelas que foram submetidas ao trabalho doméstico, tiveram de responder às demandas do mercado, dificultando a gestão da vida em suas próprias residências. Em sua maioria responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos, essas mulheres se viram criando uma rede de solidariedade diante do fechamento das creches e das escolas. Vizinhas, amigas, adolescentes foram convocadas a cuidar das crianças e bebês enquanto as matriarcas passavam os dias trabalhando.

*[...] mas pense ... o fato da criança ir pra creche ou pra escola, a mãe não podia sair pra trabalhar, né? Aí passou a não ter como fazer isso, a mãe tinha que ficar em casa. (...) O trabalho de diarista até tinha, só que muitas não conseguiam por conta de que não tinham com quem deixar (os filhos). Aí apareceram muitos cuidadores informais de criança, com risco de acidente e tudo o mais. A pessoa cuida ... não digo nem ... profissionalmente, mas como um favor ali, um cuidado ou outro ou coisa assim. Então, isso aconteceu porque os pais justamente vivem na informalidade e tinham que sair, tinham que procurar emprego, procurar alguma coisa (Entrevistado 1, 2022).*



## DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SEGURANÇA

Os dados oficiais sobre segurança pública referentes à Vila Torres foram fornecidos, via Lei de Acesso à Informação, pela Secretaria de Estado de Segurança Pública do Estado do Paraná, por meio do Centro de Análise, Planejamento e Estatística. A base dos dados está categorizada segundo a natureza dos boletins de ocorrência registrados na região da Vila Torres entre os meses de janeiro de 2020 e novembro de 2022. As categorias compreendem 87 categorias de crimes, delitos e infrações, que vão

desde abandono de incapaz, passando por estelionato, furto, injúria, até violência doméstica, estupro e homicídio.

No geral, é perceptível a falta de mudança significativa na quantidade e natureza das ocorrências no período da pandemia. O total de ocorrências em 2020 foi 403, em comparação com 485 e 463 nos anos de 2021 e 2022 respectivamente. O mesmo acontece na maioria das categorias analisadas individualmente.

A vivência dos moradores e frequentadores traz outras camadas de percepção sobre a segurança no território, que os dados ditos oficiais não são capazes de alcançar. Essas camadas se manifestam nas atividades mais mundanas da construção de rotinas do cotidiano, como a simples atitude de usar ou não usar máscaras sanitárias como forma de reconhecimento sobre o pertencimento de indivíduos como membros da comunidade. O ato banal de retirar a máscara em determinadas situações torna-se um dispositivo de segurança capaz de determinar a vida ou morte das pessoas no território. A história que dá conta de retratar essas relações foi contada por um professor da creche local ao se deparar com o fato de que mostrar o rosto ao circular pelo território fazia parte das táticas de segurança de alguns moradores.

*[...] Um dos pais dos meus alunos me disse: “A gente não pode usar (a máscara) porque é uma segurança pra gente mostrar o rosto”. Eu nunca tinha imaginado essa situação [...] mostrar o rosto é uma questão de segurança, é a possibilidade de você não ser morto enganado, achando que era outro. [...] Porque é isso que acontece, assim, é uma área que tem uma ausência do Estado bastante grande e que quem faz a regulação é o tráfico. O tráfico que dita as normas e as regras de funcionamento da Vila entre aspas, né... (Entrevistado 5, 2022).*



As contradições entre dados e narrativas vividas no território ficam também evidentes no relato do professor sobre o aumento de mortes violentas durante o período da pandemia, algo que não pode ser verificado nos dados da Secretaria de Segurança do Estado.

*E esse foi um período que a gente teve várias mortes aqui na vila, teve uns conflitos bem sérios de disputa, essa coisa toda que muitas pessoas foram mortas no período de pandemia. Então, a vila tava meio perigosa naquele período (Entrevistado 5, 2022).*

É preciso considerar que as experiências vividas são heterogêneas. Isto é, escutar o território usado, é compreender a potência dessas experiências como produtoras de vestígios sobre a complexidade na formação das redes que constituem a vida na cidade.

## DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS FÍSICAS NO TERRITÓRIO

Identificar mudanças físicas no território motivadas por circunstâncias do período pandêmico é uma tarefa difícil de realizar, tanto do ponto de vista dos dados governamentais, como da percepção dos moradores e frequentadores da Vila Torres (ou qualquer outro bairro). Afinal, que tipo de mudança dessa natureza pode ser atribuída aos fatos e desdobramentos ligados à pandemia e ao território viral? Como exemplo, a transformação de um estádio de futebol em hospital de campanha, é uma mudança, mesmo que temporária, das características materiais e funcionais de um espaço, para abrigar atividades e ambiências especificamente relacionadas ao estado de crise sanitária.

Entretanto, que escala de mudanças é possível esperar para um território como o da Vila Torres? Nos dados levantados por meio da Lei de Acesso à Informação junto à Secretaria Municipal de Obras Públicas de Curitiba (SMOP), nenhuma mudança significativa pode ser encontrada. As obras realizadas na Vila Torres ao longo da pandemia limitam-se à manutenção da infraestrutura urbana, predominantemente viária, ou seja: pavimentação de vias públicas, reestruturação de calçadas, serviços de micro e macrodrenagem e iluminação pública.

Finalmente, dentre os moradores e frequentadores entrevistados não foi possível identificar qualquer tipo de percepção sobre eventuais mudanças significativas no território.



#### DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SANEAMENTO E CRISE HÍDRICA PARALELOS À PANDEMIA

Há uma questão importante a se destacar com relação ao saneamento que extrapola o período pandêmico. De maio de 2020 – dois meses após a oficialização da pandemia – a janeiro de 2022, o governo do Paraná decretou situação de emergência hídrica e a realização de rodízio no abastecimento de água de 14 cidades da RMC, incluindo Curitiba. Essa foi considerada a pior crise hídrica registrada na história do estado, coincidindo com a pior crise sanitária global dos últimos cem anos. Foram 649 dias de rodízio no qual o modelo mais rígido de racionamento operou com 36 horas com água alternadas por 36 horas sem abastecimento.

A percepção de moradores e frequentadores da Vila Torres neste caso não se diferencia do que os dados governamentais são capazes de

oferecer, pois assim como a própria pandemia, a crise hídrica afetou o cotidiano das famílias ao longo de quase dois anos.

O fato de ocorrerem ao mesmo tempo, crise sanitária e crise hídrica, tornam os dois acontecimentos praticamente paralelos um ao outro, mesmo que seja impossível considerar que ambos não interajam como impacto na realidade da população. Várias entrevistas relatam, por exemplo, a dificuldade de manter o nível alto de exigência por higiene da pandemia com os constantes cortes de água provocados pelo racionamento. Até o momento da decretação da situação de emergência hídrica e o consequente racionamento do abastecimento, muitas residências em favelas e periferias da RMC não possuíam reservatórios de água. Isso agravou as situações que envolviam o uso de água nos momentos de corte no abastecimento, como o simples ato de lavar as mãos. As entrevistas também foram claras na descrição dessa questão.

*[...] bem no começo da pandemia já começou a faltar água. Foi uma crise muito grande, inclusive, por ser uma vila em que as pessoas não têm depósito, não têm caixa, deveria não ter aqueles rodízios tão grandes, que ficavam às vezes 36 horas (sem água). A gente até foi na SANEPAR negociar, mas sem chance. Pra quem mora (nos bairros da) classe média tem a sua caixa de água de 500 litros, mil, 3 mil, 5 mil de água. Quem mora nessas vilas eles não têm, têm só a água que cai, não têm onde guardar, acabou, acabou. Então, você ficar 36 horas, essa foi uma situação de higiene, sanitária bem complicada. Nós tínhamos tanto álcool em gel nas comunidades que as pessoas lavavam a mão em álcool em gel porque era complicado, não tinha água, essa foi uma crise hídrica muito complicada (Entrevistado 7, 2022).*

Além disso, alguns relatos dão conta, do ponto de vista da percepção, que certas doenças, que há muito tempo não apareciam nas UBSs da Vila

Torres, voltaram a aparecer, muito provavelmente pela coincidência entre crises sanitária e hídrica.

*[...] ela falou do crescimento do número de casos de coisas que já tavam superadas, por exemplo, impetigo, que são aquelas feridinhas por conta de saneamento básico, de ausência de banho, que eram coisas que já não se via mais aqui na vila com um índice mais significativo, mas tinham voltado algumas coisas nesse sentido que têm a ver com a questão da estiagem (Entrevistado 6, 2022).*

Por fim, a precariedade histórica na coleta e tratamento de esgoto da região faz com que dados e percepções sobre essa realidade extrapolem o período pandêmico. Isto é, a má qualidade do serviço ao longo de décadas torna irrelevante para o momento da pandemia qualquer percepção de mudança ou impacto nessa temática.

## DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO

Em consulta à Secretaria Municipal de Educação (SME), a pesquisa acessou relatórios narrativos e quantitativos das ações do Estado para suprimir a ausência dos estudantes nas escolas durante a pandemia. O regime de isolamento social impôs a suspensão do atendimento presencial das crianças nas unidades educativas, o que gerou uma série de problemas consequentes, principalmente para a população mais empobrecida. Foram organizadas uma série de ações com o intuito de dar continuidade à articulação com as famílias dos estudantes e ao desenvolvimento dos profissionais da educação.

Entre as ações de maior destaque estão a distribuição de materiais pedagógicos para a execução de atividades diárias pelas crianças com suas famílias e kits de alimentação para suprir as refeições feitas na escola, assim como contratação de novos professores e equipe audiovisual para produção de uma TV Escola municipal.

No entanto, a SME não forneceu dados territorializados, impossibilitando um entendimento mais específico das condições na Vila Torres; o que, mais uma vez, comprova as dificuldades de vinculação entre dados e territórios, já mencionadas neste relatório, especialmente quando relativos a regiões mais vulneráveis do ponto de vista de infraestrutura e serviços públicos. O que se sabe é que várias escolas e centros de educação dos bairros que compõem a Vila Torres atendem às crianças do território. Não se sabe ao certo, no entanto, o nível de evasão escolar durante a pandemia. Um dos funcionários de uma creche local anuncia sua preocupação com o problema:

*A gente teve uma maior evasão escolar, a gente perdeu adolescentes lá ou porque nesse período todo já tinham um vínculo frágil com a escola, a escola já não tinha um papel lá muito de relevância na vida dele por falta de perspectiva mesmo de futuro, enfim, por conta da realidade e essa pandemia acelerou esse processo de rompimento (Entrevistado 03, 2022).*

Uma das entrevistas realizada pela equipe da pesquisa com pessoas da comunidade escolar de uma das unidades mencionadas em outubro de 2022, evidencia a centralidade da rotina escolar na vida das crianças, assim como da comunidade de pais e professores, e a dificuldade de se reestabelecer a produtividade no ambiente escolar. Além disso, há uma

percepção de que a falta do suporte social, cultural e econômico oferecido pela escola também dificulta o retorno.

*As crianças tinham um comportamento, pedagogicamente falando, dentro da escola, rotina, porque já era criado de anos eles já vinham assim e ficavam o dia todo dentro da escola. Quando houve essa ruptura da rotina deles, no retorno o nível de violência entre eles dentro da escola é altíssimo. A dificuldade que nós estamos tendo que retomar o que é lógico, por exemplo, não quebrar as coisas, não bater no colega, chegar no horário. A retomada dessa vida normal não estamos conseguindo e já estamos em outubro, tá bem difícil (Entrevistado 02, 2022).*

Os funcionários da escola relatam que o grande desafio enfrentado durante o período mais crítico da pandemia foi a falta de suporte pedagógico para os alunos, assim como a incapacidade dos profissionais de educação de acompanhar o desenvolvimento das crianças. As entrevistas evidenciam uma preocupação latente com a falta de recursos das famílias e com a dificuldade de inserir práticas escolares rotineiras no retorno das atividades presenciais.

*[...] o maior desafio é a gente fazer com que eles entendam a rotina da escola novamente, principalmente, porque como a gente é uma escola de séries iniciais, se você parar pra analisar que as crianças pararam de vir pra escola em 2020. Então, quem estava no primeiro ano, hoje tá no terceiro. Então eles não pegaram isso, eles não sabem o que é sentar, usar um caderno, eles não sabem (Entrevistado 02, 2022).*

O momento pós-pandêmico, parece, no entanto, apontar para novos desafios que possam garantir uma diversificação dos recursos comumente utilizados pelos professores e comunidade escolar para

garantir o aprendizado dos novos alunos, forjados em seus primeiros anos escolares, no isolamento social e na precarização da vida prática.

*[...] hoje as professoras já começaram a abrir um pouco mais o olhar e oferecer outras estratégias de ensino numa prática mesmo pra trabalhar porque só ali no mecânico não vai resolver, já perceberam isso (Entrevistado 02, 2022).*

Em entrevista a um funcionário de uma das creches locais, percebe-se uma dinâmica de dedicação a novas formas de ensino, principalmente aquelas que envolvem tecnologias de comunicação e informação.

*[...] a gente começou a pensar ações pra envolver as crianças à distância. A gente começou a fazer gravação, live e mandar pros celulares das famílias provocando as crianças com atividades. A gente fazia kit no dia que entregava o material e mandava kit de massinha, mandava papel e lápis de cor e fazia uma provocação com as crianças pra elas tentarem fazer tal coisa (Entrevistado 03, 2022).*

## DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE ECONOMIA LOCAL

A equipe da pesquisa requisitou à Prefeitura de Curitiba, através da Secretaria Municipal de Finanças, acesso aos dados públicos de alvarás de estabelecimentos comerciais em funcionamento de 2018 a 2022, na intenção de comparar o número de estabelecimentos fechados/abertos em decorrência do momento pandêmico que se viveu no período de 2020 a 2022. No entanto a prefeitura indeferiu o pedido, alegando que o pedido feito não versava "sobre dados necessários à tutela judicial ou administrativa de direitos fundamentais".



É latente, nesse tipo de resposta oficial a um pedido de informações vindo de setores interessados em pesquisar as dinâmicas urbanas, uma profunda incompreensão por parte do governo local sobre a verdadeira importância dos dados e suas relações com o território, principalmente em um momento de exceção como foi a pandemia. As questões econômicas atravessam o cotidiano da população de diferentes maneiras e estão presentes no discurso dos entrevistados da pesquisa.

É sabido que a Vila Torres concentra grande população de profissionais da coleta seletiva da cidade, o que pressupõe importante relação com estabelecimentos comerciais da cidade. Diante do fechamento dos principais estabelecimentos, os catadores e catadoras de materiais recicláveis se viram com a rotina prejudicada.

*A comunidade é um reduto de muitos catadores, uma porcentagem muito grande trabalha com a reciclagem, com a coleta do material nas ruas de Curitiba. Nesse momento a cidade também se fechou pra isso e prejudicou esses trabalhadores da reciclagem porque setenta por cento ali estão nessa atividade (Entrevistado 05, 2022).*

*Uma vez fechado o comércio, a população depende muito aqui. Pra você ter papelão, a loja tem que tá aberta. Tem que abrir, tem que ter embalagem, né? Se tá tudo fechado, tem pouca coisa. O pessoal sai... porque assim, ao contrário do que o pessoal imagina, essa de você sair erradicamente “eu vou garimpando o que eu consigo” acontece pouco. As pessoas sabem exatamente onde vão buscar, “eu vou pegar nas Casas Bahia, cinco da tarde. Eu tenho que tá lá um pouco antes porque é o horário que eu pego”. Mas, se as Casas Bahia estão fechadas não tem papelão (Entevistado 01, 2022).*

O aumento do desemprego foi uma questão recorrente nas entrevistas. Não se sabe localmente o impacto da pandemia na Vila Torres, mas de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos três primeiros meses de 2021 a taxa de desocupação do Estado do Paraná foi de 9%, enquanto a média nacional foi de 14%. Certamente, nos espaços populares, favelas, periferias e ocupações esses dados podem ser vividos no cotidiano.

*[...] eram sempre subempregos, né, ajudante de cozinha num restaurante, ajudante na padaria, de limpeza, situações que, com o fechamento desses serviços... aquelas pessoas que limpam as bandejas num shopping, né, com o fechamento desses postos de trabalho, essas pessoas ficaram desempregadas de uma hora para outra e não tinham os direitos trabalhistas garantidos, enfim, porque eram contratos, que a gente sabe, de exploração. A gente teve uma situação específica com uma das mães das nossas crianças que, por conta disso, o proprietário do cômodo que ela aluga aqui na vila colocou ela pra fora porque ela não conseguia pagar o aluguel porque ficou vários meses desempregada e tomou todas as coisas dela como parte de pagamento. Colocou ela e a criança pra fora da casa sem nada, só com a roupa do corpo (Entrevistado 03, 2022).*

No entanto, é importante reconhecer a resiliência e as alternativas articuladas pela população da Vila Torres para contornar o problema econômico que se interpôs.

*Tem gente na vila que começou a produzir máscara, por exemplo, e ganhar um pouquinho de dinheiro. Outras pessoas que até nós ajudamos com material... numa das vilas que nós ajudamos montou-se um lugar de bordado, pra fazer pano de prato e vender. São pessoas empobrecidas. Vender pano de prato, por exemplo, no sinaleiro foi uma opção muito grande, comprava metros daqueles panos e as mulheres cortavam. Nós*

*chamávamos de atelier, uma pequena casinha, um barraco, e elas produziam. O trabalho formal diminuiu muito e as pessoas se viraram com o auxílio emergencial, e outros com cesta básica que as comunidades davam e, também, com o trabalho informal em todo esse período (Entrevistado 04, 2022).*

## ► DADOS E PERCEPÇÕES SOBRE SAÚDE

Como já ficou claro, um dos maiores desafios desta pesquisa foi encontrar dados consolidados sobre a Vila Torres. O território não é reconhecido pelo Estado como bairro oficial da cidade, o que dificulta a análise de suas especificidades. No caso desta pesquisa, um dos dados mais importantes para compreender os limites sociais e sanitários entre a Vila Torres e outros bairros vizinhos, é a quantidade de óbitos causados pela COVID-19 e casos de contaminação pelo vírus informados no território. No entanto, essa informação não existe nos registros oficiais. O que há são dados de dezembro de 2022, que indicam que até aquele momento, os bairros do Rebouças, Jardim Botânico e Prado Velho, registraram, respectivamente, 5.362, 1.566 e 1.536 casos de COVID-19.

Este relatório, então, parte dos relatos dos moradores, profissionais e frequentadores da Vila Torres, para traçar um panorama do estado da saúde da população em termos qualitativos e políticos.

Um dos médicos da Unidade Básica de Saúde do bairro diz que os casos foram sendo coletados pelos próprios funcionários da UBS.

*[...] a gente não nominava quem tinha falecido ou não, mas colocava ali na frente da unidade quantos casos estavam tendo, quantos óbitos, porque as pessoas junto com isso o que aconteceu na imprensa em geral, pelo mundo, as pessoas daí*

*começaram a perceber que a pandemia tava acontecendo aqui dentro também (Entrevistado 01, 2022).*

Os cuidados com a saúde que a pandemia exigia pareciam desafiadores demais para a população da Vila Torres. Alguns elementos ficam marcados nas entrevistas, como a falta de infraestrutura de habitação de qualidade para o cumprimento do isolamento social.

*[...] tem lugar que é o domicílio da pessoa que mal cabe a cama lá dentro. Então, quando fala “fique em casa” era quase como dizer “fique deitado” porque a pessoa só podia ficar deitada. Ela não tinha nem um espaço privado, privativo ali que não fosse o espaço do seu próprio quarto ali. Então isso foi bem difícil (Entrevistado 01, 2022).*

O papel dos agentes comunitários aparece como central nas entrevistas. São os agentes os personagens que seguiram circulando o território, em contato com as famílias e colaborando para o monitoramento da doença.

*Pela presença dos agentes comunitários a gente conseguiu atingir o que a gente chama de capilaridade. Conseguiu chegar a todas as pessoas da comunidade (Entrevistado 1, 2022).*

Uma percepção importante da maioria dos entrevistados é o aumento dos casos de doenças ligadas à saúde mental das pessoas: alunos mais ansiosos nas escolas, aumento de drogadição e surtos psíquicos de pessoas em situação de rua, aumento de atendimentos nos Centros de Apoio Psicossocial etc. Outro fator importante que pode ser observado nos atendimentos médicos na UBS da Vila Torres é a inevitável negligência com outras enfermidades.

*O medo que as pessoas têm habitualmente de morrer foi pior ainda. A questão psiquiátrica, também. Indiretamente as outras doenças, né, porque a gente acabou negligenciando a hipertensão, diabete, o atendimento de puericultura com as crianças, vacinas. Tudo isso foi sendo deixado pra depois, pra depois (Entrevistado 01, 2022).*

Mais uma vez, é importante ressaltar o trabalho coletivo, solidário e comunitário empreendido pelos moradores no combate à pandemia. Apesar da desinformação e do abandono público, associações, a igreja, organizações sociais e ativistas responderam à crise utilizando suas próprias ferramentas, como se viu no decorrer deste relatório.

*Nós cortamos muitas máscaras (...) Só aqui na Vila Torres foi entregue mais de 30 mil máscaras. Depois vieram o álcool em gel, mais de cem tubos nós recebemos e pra outras vilas também. Essa vila foi uma das com menor índice de contaminação de covid, a Vila Torres foi um exemplo. (...) As pessoas tiveram cuidado sim, houve um cuidado, houve a prevenção, pelo trabalho da comunidade. Por outro lado, não vi políticas públicas municipais pra ajudar a população, eu não consegui enxergar, teve, mas não consegui enxergar na prática, eles fazendo conscientização, mais presentes (Entrevistado 06, 2022).*

# CONCLUSÃO:

## O TERRITÓRIO VIRAL DA VILA TORRES

Existe um ponto inescapável para se pensar a relação "dados, narrativas e cidades", que é o foco deste estudo de caso sobre a Vila Torres na chamada "cidade pós-pandêmica": o dado nunca está dado. Parece simples, mas essa expressão ilustra o fato fundamental de que dados e narrativas são construções tecnopolíticas que implicam compreender as cidades a partir desses cortes: da existência, da inexistência, e da mobilização de dados e realidades do território para atender determinados interesses. Essas disputas são atravessadas pelas seguintes perguntas: os territórios estão nos dados? E, os dados estão nos territórios?

No caso específico da Vila Torres, assim como em outros territórios periféricos ou vulnerabilizados do Brasil e da América Latina, há uma camada muito clara da tecnopolítica dos dados (ou mesmo da gestão urbana) que diz respeito à forma como certas invisibilidades são produzidas no cotidiano da região. Uma das principais dificuldades no levantamento de informações sobre a Vila Torres, foi o fato de não haver dados específicos para o território em muitas das temáticas principais relacionadas à gestão da cidade, como saúde, segurança pública, economia, entre outros. O fato de a Vila Torres ter se originado a partir de uma ocupação implica no não-reconhecimento deste território como



unidade de gestão, ou mesmo como bairro oficialmente reconhecido. O único reconhecimento territorial se materializa na Lei Ordinária 8841/1996, em que a Vila das Torres é denominada como tal, e caracterizada como "área urbana", com seus limites definidos pela Rua Almirante Gonçalves, pela Avenida Comendador Franco (Avenida das Torres), pela Rua Aquilino Orestes Baglioli, e pelo Rio Belém. Isso não dá à Vila Torres, no entanto, o caráter de bairro ou unidade territorial que possa ter seus dados coletados e identificados oficialmente.

Isso significa que o território usado, fazendo alusão deliberada ao conceito de Santos (1994), conhecido como Vila Torres, ocupe pequenas partes de dois bairros oficiais de Curitiba: Prado Velho e Jardim Botânico (Figura 10). O não-reconhecimento da Vila Torres como unidade de gestão faz com que o território reconhecido por moradores e frequentadores como tal não coincida com os dados oficiais de casos e mortes na pandemia, por exemplo. Ou seja, do ponto de vista da gestão urbana em Curitiba, e do conhecimento necessário sobre os territórios e suas problemáticas, é possível dizer, sobre a Vila Torres e em específico no período da pandemia, que o território não está nos dados, pois não é reconhecido como tal.

## BAIRROS

- 01-CENTRO
- 02-SÃO FRANCISCO
- 03-CENTRO CÍVICO
- 04-ALTO DA GLÓRIA
- 05-ALTO DA RUA XV
- 06-CRISTO REI
- 07-JARDIM BOTÂNICO
- 08-REBOUÇAS
- 09-ÁGUA VERDE
- 10-BATEL
- 11-BIGORRILHO
- 12-MERCÊS
- 13-BOM RETIRO
- 14-AHÚ
- 15-JUVEVÉ
- 16-CABRAL
- 17-HUGO LANGE
- 18-JARDIM SOCIAL
- 19-TARUMÁ
- 20-CAPÃO DA IMBUÍA
- 21-CAJURU
- 22-JARDIM DAS AMÉRICAS
- 23-GUABIROTUBA
- 24-PRADO VELHO
- 25-PAROLIN
- 26-GUAÍRA
- 27-PORTÃO
- 28-VILA IZABEL
- 29-SEMINÁRIO
- 30-CAMPINA DO SIQUEIRA
- 31-VISTA ALEGRE
- 32-PILARZINHO
- 33-SÃO LOURENÇO
- 34-BOA VISTA
- 35-BACACHERI
- 36-BAIRRO ALTO
- 37-UBERABA
- 38-HAUER
- 39-FANNY
- 40-LINDÓIA
- 41-NOVO MUNDO
- 42-FAZENDINHA
- 43-SANTA QUITÉRIA
- 44-CAMPO COMPRIDO
- 45-MOSSUNGUÉ
- 46-SANTO INÁCIO
- 47-CASCATINHA
- 48-SÃO JOÃO
- 49-TABOÃO
- 50-ABRANCHES
- 51-CACHOEIRA
- 52-BARREIRINHA
- 53-SANTA CÂNDIDA
- 54-TINGUI
- 55-ATUBA
- 56-BOQUEIRÃO
- 57-XAXIM
- 58-CAPÃO RASO
- 59-ORLEANS
- 60-SÃO BRAZ
- 61-BUTIATUVINHA
- 62-LAMENHA PEQUENA
- 63-SANTA FELICIDADE
- 64-ALTO BOQUEIRÃO
- 65-SÍTIO CERCADO
- 66-PINHEIRINHO
- 67-SÃO MIGUEL
- 68-AUGUSTA
- 69-RIVIERA
- 70-CAXIMBA
- 71-CAMPO DE SANTANA
- 72-GANCHINHO
- 73-UMBARÁ
- 74-TATUQUARA
- 75-CIDADE INDUSTRIAL

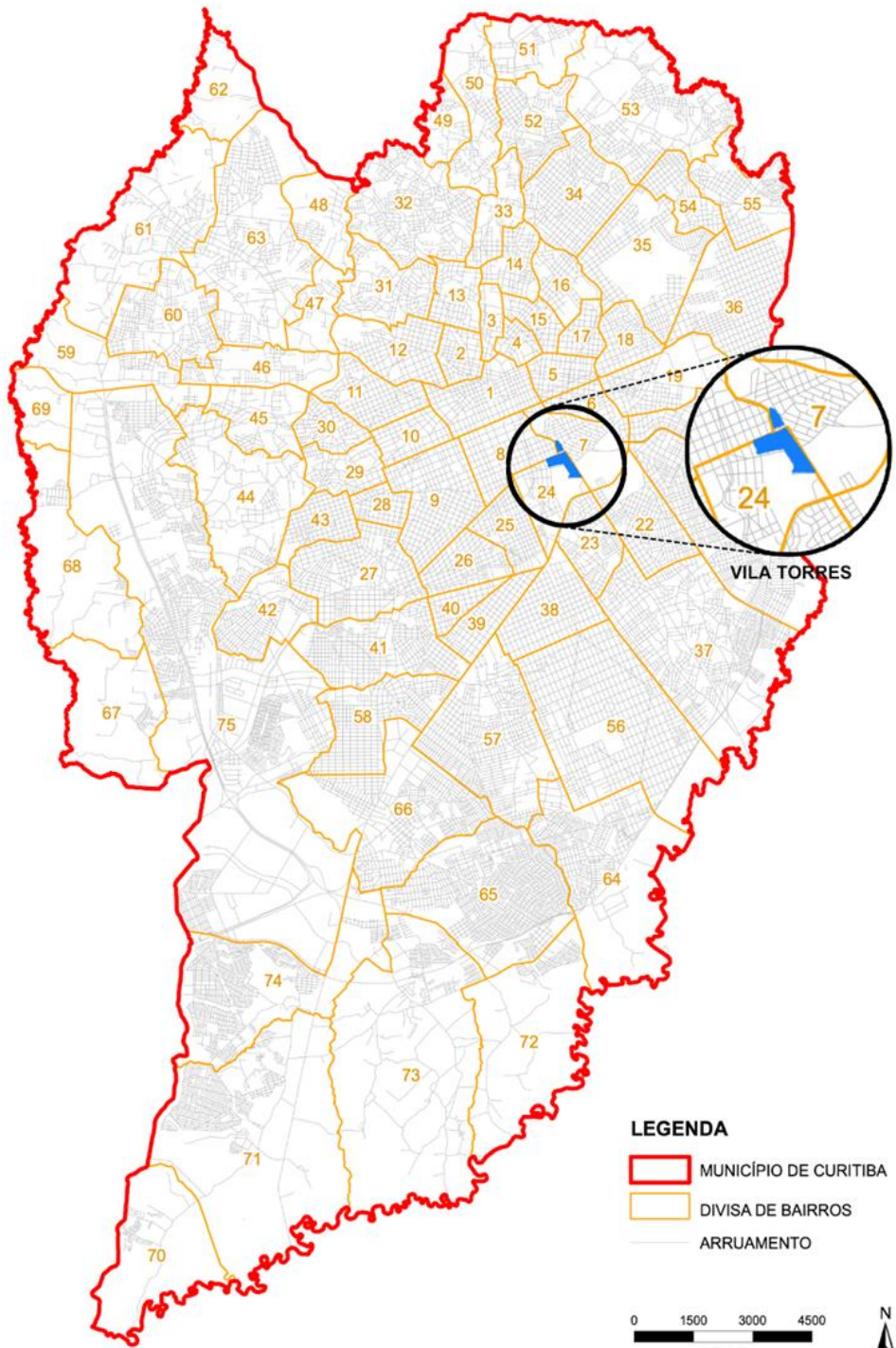


Figura 10: Vila Torres e os bairros de Curitiba.

Fonte: Autores, baseados em IPPUC, 2015.

Identificamos vários tipos de desdobramentos sobre a caracterização do território viral da Vila Torres, como tem-se destacado ao longo deste relatório. Uma das consequências mais diretas é a dificuldade de se conhecer o território por meio das informações sobre sua população e suas formas de se apropriar desse espaço. Independente das divisões político-administrativas, a geografia do território é clara e distinta com relação aos problemas e à identidade da Vila Torres. Isso se manifesta claramente nos dados sobre várias dimensões da existência do bairro, que se expressam com mais materialidade na percepção da população que pertence a este território (e mesmo os que se relacionam com o território de outras formas), do que nos dados oficiais, pois estes se confundem com os bairros e regiões administrativas a partir das quais são gerados. Assim, desse ponto de vista, pode-se dizer também **que os dados não estão no território.**

Essa dupla relação de não-reconhecimento pelos dados (o território não está nos dados e os dados não estão no território), evidencia as formas de negação assumidas sobre a Vila Torres do ponto de vista da gestão urbana centralizada no governo local e suas formas de governar. A tensão criada entre as duas constatações acima produz uma espécie de invisibilização do território, com repercussões na gestão oficial de serviços e infraestruturas urbanas. Trata-se, assim, de uma subnormalização do território que produz dados igualmente subnormalizados. A alusão à subnormalização vem da própria denominação assumida por órgãos oficiais do governo, como o IBGE, para áreas de ocupações como "aglomerados subnormais". O termo foi adotado até o final de 2023. Apenas em janeiro de 2024, após várias

reuniões com setores do governo e da sociedade civil (inclusive de áreas periféricas) de várias regiões do Brasil, o IBGE modificou a denominação para Favelas e Comunidades Urbanas.

Com relação a essa ontologia de um território viral, um questionamento que se faz necessário é sobre a constituição desse território no período pós-pandêmico. É possível pensar na persistência de um território viral, ou seria necessário pensar em um território pós-pandêmico? Ora, territórios são mutáveis, o espaço é dinâmico e se modifica a todo instante. Não há constituições permanentes. Há elementos e fragmentos que permanecem, que se recombinaem, que adquirem novas características e significados, e com o território viral não seria diferente. O vírus continua entre nós, mas criamos novos arranjos sociotécnicos capazes de incorporá-lo e controlá-lo de maneira a isolar ou amenizar suas relações na rede que compõem o território viral. Mas as estruturas e formas de organização do território continuam atuando na composição de arranjos que interagem (e são compostos) a partir de novos atores humanos e não-humanos dessas redes de relações. Novas tecnologias farão parte de novos arranjos. Um novo vírus pode vir a fazer parte de novos arranjos, e o território viral pode vir a se recompor, muito provavelmente afetado pela seletividade e discriminação, já apontadas, que determinam as diferentes manifestações do território viral na Vila Torres ou no Batel, em Curitiba.

Assim, as perguntas que se podem fazer neste tipo de olhar para o território e para os dados é: onde está a Vila Torres? Em que tipo de território reconhecido pela gestão da cidade, os corpos, as ruas, as casas, as organizações não governamentais, as instituições, os animais, os rios

e as vegetações da Vila Torres estão presentes e visíveis? É no Jardim Botânico ou no Prado Velho, ou é como sobreposição física e perceptiva desses bairros? A partir dessas relações, como é possível compreender dados epidemiológicos e agir sobre o território considerando suas particularidades e necessidades, se este território não está visível, se seus dados estão distorcidos pelas distintas realidades dos bairros oficiais que o compõem na visão do Estado?

# AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os representantes da Vila Torres entrevistados, ao LabClima da PUCPR por facilitar os contatos e disponibilizar seu material de pesquisa e atas de reuniões, e aos projetos SOS Vila Torres e SOS Rio Belém. Os pesquisadores também são gratos à PUCPR por financiar este projeto.



# REFERÊNCIAS

- BORGES, L. (2020). Fotografia da resistência: mapa virtual reúne iniciativas solidárias e comunidades vulneráveis de Curitiba. *Terra de Direitos*, 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nnmav8>>. [Consultado em: 19 de junho de 2023].
- CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. (2016). Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *SOLAR, Revista de Filosofía Iberoamericana*, 12(1): 56-71.
- CRUZ HERNÁNDEZ, D. T.; BAYÓN JIMÉNEZ, M. (2020). *Cuerpos, territorios y feminismos: compilación latinoamericana de teorías, metodologías y prácticas políticas*. Quito: Ediciones Abya-Yala.
- FIRMINO, R.; EVANGELISTA, R. (2023). Pandemic Techno-politics in the Global South. *Information Polity*, 28(4): 453-467.
- FIRMINO, R.; PIO, D.; VIEIRA, G. (2020). Revolução periférica dos dados em tempos de pandemia global. *Revista de Morfologia Urbana*, 8(1): e00156.
- GÊNERO e Número/SempreViva Organização Feminista. (2020). Sem parar, o trabalho e vida das mulheres na pandemia. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: GN/SOF.
- HAESBAERT, R. (2020). Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, 22(48): 76-90.
- IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (2015). *Mapa Político - Bairros com Arruamento*. Curitiba: IPPUC, 2015. Folheto. Disponível em: <<https://bit.ly/47JxzMI>>. [Consultado em: 10 de maio de 2023].
- MOURA, R.; PEDROZO, A.; ALMEIDA, A. M.; BRIZOLA, A. C. A.; DA SILVA, J. C. G.; MATTAR, K. B.; VASCO, K. M. C. M.; NAGAMINE, L. Y.; TEXEIRA, L. B.; DE SOUZA, M. N.; DA SILVA, M. B. L.; MAZIVIERO, M. C.; BEGA, M. T. S.; DA SILVA, M. M.; FREITAS, O. L. C.; POLLI, S. A.; DOS SANTOS, V. V. P.

(2020). A evolução tardia da Covid-19 na Região Metropolitana de Curitiba. *Dossiê Nacional As Metrôpoles e a Covid-19*. Curitiba: Observatório das Metrôpoles/Fórum Nacional de Reforma Urbana.

SANSON, C. (2021). Os mais precários entre os precários: como os trabalhadores da Associação de Catadores Novo Amanhecer aumentaram sua renda durante a pandemia da Covid-19. In: Roberto Veras de Oliveira; Ari Rocha da Silva. (Orgs.). *Trabalho & Pandemia: Informalização, precarização e suas múltiplas relações*. São Paulo: Annablume: 63-78.

SANTOS, M. (1994). O retorno do território. In: Milton Santos et al. (Orgs.). (1994). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Anpur/Hucitec: 15-20.

SOUZA, C. S. (2016). *Resistência, justiça ambiental e política pública: urbanização de áreas de vulnerabilidade socioambiental consolidadas em Curitiba*. PR - Vila Torres e Vila Parolin (1980-2014). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

TEIXEIRA, L. B.; BEGA, M. T. S. (Orgs.). (2023). *As Ciências Sociais diante da Covid-19 no Brasil*. Curitiba: CRV.

VASCO, K. M. C. M.; TEIXEIRA, A. G.; SILVA, M. N. (2022). Precariedade habitacional e vulnerabilidade social na metrópole de Curitiba. In: Rosa Moura; Olga Freitas (Orgs.). *Reforma urbana e direito à cidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Este material de divulgação consiste em uma síntese do Relatório de Pesquisa 2 (R2) do projeto **Cidade Pós-pandêmica**, com estudo de caso na Vila Torres, em Curitiba (PR).

A pesquisa foi registrada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 63659622.0.0000.0020, tendo sido aprovada pelo parecer número 5.784.072 em 29 de novembro de 2022.

**Autores:**

**Rodrigo Firmino e Gilberto Vieira**

Jararaca: Laboratório de  
Tecnopolíticas Urbanas

**Pesquisa do estudo de caso:**

Amanda Belniaki  
André Turbay  
Bruna Lazaroto  
Daniela Wipieski  
Gilberto Vieira  
Iaskara Florenzano  
Monyse Takaki  
Rafael Carnascialli  
Rodrigo Firmino

**jararaca**  
LABORATÓRIO DE TECNOPOLÍTICAS URBANAS  
jararacalab.org



Programa de  
**PÓS-GRADUAÇÃO  
EM GESTÃO URBANA  
PUCPR**